Este livro é realmente fruto de um projeto ambicioso, de certa maneira destemido, fundamentalmente pela proposta de abarcar um gênero literário extremamente flexível e fértil nas Américas: o ensaio. Estas características básicas já tornam a empreitada bastante difícil: em primeiro lugar, pela própria natureza deste gênero literário, originário de um contexto que buscava a liberdade de expressão fora dos cânones rígidos de meados do século XVI, e, aperfeiçoado dentro das buscas individuais de grandes escritores a partir de Montaigne, seu precursor. Muito do que se tem escrito e pensado sobre o "ensaio" provem destas origens.

Sem dúvida esta flexibilidade acabou por tornar-se ponto fundamental para os ensaístas americanos, mas certamente por outras razões: muito sobre o que escrever, poucos os meios e o tempo fugaz consumindo a memória social e a cultura política.

Neste sentido, o livro de Thomas Ward é impecável.1

Em terras americanas brotou a mesma flexibilidade e fertilidade, mas não pelas mesmas causas, e este é o ponto mais notável do seu trabalho, ou seja, vincular a produção ensaística americana ao processo de *nation-building*.

Mostrando grande conhecimento da situação das letras e das sociedades sul-americanas norte-americana, o autor discorre, formulando sua proposta canônica, a partir do conceito de *resistência cultural*: afinal, por que e para que tantos escreveram tanto ao longo de quase dois séculos? É estimulante perceber que o autor prioriza pensadores locais para estabelecer seus argumentos, citando poucos autores que poderiam ser considerados "paradigmáticos" para certos temas. Dentre estes figuram Unamuno, Benedict Anderson, Hobsbawn, Nietzsche, Ortega y Gasset, Noam Chomsky. O recorte do seu campo começa por definir o ensaio de forma bem particular.

De saída, sua marca ideológica como "herramienta para crear um ideal", coloca o ensaio nestas terras como um investimento libertário. Em seguida, esta natureza se reparte em vários sub-temas, todos caros à construção de, como ele mesmo diz, "una comunidad imaginada", seguindo a inspiração de Benedict Anderson, ainda que o critique. Neste empreendi-

¹ Aliás, o autor é um autêntico "latino-americanista", autor de vários trabalhos sobre temas latino-americanos, peruanista "confesso e convicto", como diria Mariátegui, atualmente professor de espanhol no Loyola College, Estado de Maryland, Estados Unidos.

mento, conceitos como raça, etnia, gênero, classes sociais, Estado, nação, direitos universais, política, mestiçagem, entre outros, demarcam o campo de lutas.

Nomes, temas, posicionamentos ideológicos e políticos se entrelaçam em seis capítulos que vão percorrer as seguintes demarcações: "Do romantismo ao pluralismo: ideologias rio-platenses"; "Duas reações antisarmentianas do Caribe"; "A nação peruana como polifonia"; "A mexicanidade institucional frente à subalternidade centro-americana" e, finalmente, "Os Estados Unidos e a fragilidade da nação".

Sua meticulosidade e erudição exploram as maneiras com que a questão da raça e da mestiçagem vão determinar os contornos das nações americanas, a partir do olhar de uma intelectualidade fracionada entre a metrópole e a periferia, entre o real e o imaginário.

Assim percorre os trabalhos mais significativos de Sarmiento, Marco Denevi, Hostos, Rodó, José Vasconcelos, Clorinda Matto Turner, José Martí, José Carlos Mariátegui, José Maria Arguedas, Octavio Paz, Manuel Gonzalez Prada, Rosário Castellanos, Rigoberta Menchú, Allan Bloom, Gloria Anzaldúa, Cornel West, entre outros. É preciso ressaltar a excelente bibliografia do autor.

Finalizando, é importante salientar que Thomas Ward constrói neste trabalho uma intrincada relação entre concepções de nação, mestiçagem, etnia, raça, gênero, multiculturalismo, e, finalmente, cidadania, revelando sua perspectiva, nem sempre muito clara ao longo do livro: sua reconstrução do passado, ou até mesmo sua releitura das principais obras de novelistas e ensaístas americanos tem os pés bem fincados no presente e seus maiores desafios. Entre eles sobressai sua preocupação com a continuidade da fragilidade das nações americanas frente aos novos desafios colocados pelo neo-liberalismo, pela globalização. Voltam à cena os mesmos personagens, vistosos nos seus aparatos de poder, e os velhos temas não solucionados: a necessidade do respeito à polifonia cultural, aos direitos dos cidadãos, enfim, às diferenças.

O que o autor faz de maneira muito competente é mostrar-nos como, desde as origens do projeto colonial, houve sempre quem, de maneiras diversas, se posicionasse contra as artimanhas do poder.

Selma Baptista Departamento de Antropologia Universidade Federal do Paraná